

## O BRINCAR NA CLÍNICA PSICANALÍTICA:

### A importância do brincar com crianças

Djenifer Chigenoski Welter

Matias Trevisol

**INTRODUÇÃO:** Este resumo traz como objetivo geral apresentar a importância, sob a perspectiva da teoria psicanalítica, o significado do brincar dentro do processo psicoterapêutico a partir de pesquisas, feito pela estagiária do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), ao realizar o componente de Estágio Curricular Supervisionado. Ainda, tem como objetivos específicos: explorar sobre como é o brincar para o paciente desde seus primeiros dias de vida e destacar a seriedade do brincar mútuo entre paciente e analista, como um espaço potencial onde a criança pode se desenvolver.

**DESENVOLVIMENTO:** A teoria do brincar desenvolvida por Donald Winnicott (1975) se transpõe sobre uma forma básica de viver, universal e própria da saúde, que facilita o crescimento e conduz aos relacionamentos grupais. O brincar de fato, surge no contexto da relação mãe-bebê, a qual segue uma sequência de estágios no processo de desenvolvimento. Winnicott (1975) trouxe então que a brincadeira é primária e não um produto da sublimação dos instintos. A mãe desempenha um papel fundamental ao possibilitar a experiência da ilusão e do controle onipotente sobre o mundo para o bebê. Ainda de acordo com Winnicott (1975), o brincar é essencial para a expressão criativa do indivíduo e para as comunicações, ele considera a psicanálise como uma forma especializada do brincar, que

consigo mesmo e com os outros. A brincadeira ocorre na área intermediária entre a realidade externa e a interna, ou pessoal, o que equivale a dizer que os objetos e fenômenos oriundos da realidade externa são usados a serviço de alguma mostra derivada da realidade interna. Foi sob o olhar atento de Freud (1920) que se registrou, pela primeira vez, a observação do mecanismo psicológico do brincar, revelando sua capacidade de elaborar situações de ansiedade e experiências traumáticas. Ao presenciar seu neto de 18 meses brincando repetidamente de esconder e encontrar um carretel, Freud contemplou as expressões de alegria que surgiam desses encontros, levando-o a especular sobre a possibilidade de que o carretel pudesse simbolizar a figura materna, e que tal brincadeira pudesse representar um meio de elaboração diante da ansiedade de separação associada a ela. Dessa maneira, a experiência lúdica permitiu ao garoto transformar o que antes era vivenciado passivamente em uma vivência ativa, promovendo a organização de suas angústias. Posteriormente, Arminda Aberastury (1992) observou que o modelo descrito por Freud (1920) emerge em estágios mais precoces, entre os 4 e 6 meses, e se relaciona à etapa que o bebê tenta elaborar a necessidade de se desprender da relação única com a mãe para poder passar à relação com o pai, estabelecendo, deste modo, a tríade pai-mãe-filho, que formará a base das futuras relações e o caminho para interesses múltiplos no mundo exterior, formando laços com pessoas e objetos cada vez mais variados e numerosos (ARENALES-LOLI, 2014). De acordo com Paula, Marasca e Shmidt (2017), Arminda Aberastury foi a responsável por introduzir a caixa de brinquedos no setting terapêutico, pois seria capaz de viabilizar a projeção das fantasias e facilitar a elaboração traumática. A caixa tem representações inconscientes, simbolizando o mundo interno da criança, aquilo que ela não expressa verbalmente através de um discurso organizado. Assim, torna possível a compreensão do sujeito. E com isso Aberastury contribuiu para o desenvolvimento do ludodiagnóstico, utilizando o jogo como uma possibilidade de compreender a angústia da criança e interpretar seus conflitos e defesas. De acordo com Anna Freud (1974), o brinquedo e o brincar são os principais mediadores dos processos internos da criança, carregando consigo todo o significado e sentido das ações infantis.

Nesse sentido, para a autora, o brinquedo torna-se a ferramenta mais apropriada para a análise junto às crianças (ARENALES-LOLI et al., 2013). Ela utilizava a interpretação de sonhos e desenhos, restringindo a utilização de jogos, aprimorando uma orientação essencialmente pedagógica, voltada para o ego consciente mais do que para as profundezas do inconsciente, desta forma, reeducava a criança para uma adaptação à realidade, visando um convívio melhor em família (PAULA, MARASCA E SHMIDT, 2017). Klein, por sua vez, valorizava o jogo como uma forma de acesso ao inconsciente da criança, permitindo a análise do ego e da relação com a realidade. O princípio básico na sua técnica, representava o alívio da angústia, trazia também que o psicanalista não deveria tomar o papel de educador, pois as ansiedades da criança são grandes e a pressão a estas faz com que tomem compulsão à repetição. Realizava observação de bebês e atendimentos de crianças, em que introduziu de forma consciente e sistemática o uso de brinquedos, desenhos e jogos na técnica. Afirmava que, ao brincar, a criança vence realidades dolorosas e domina medos instintivos, projetando-os no exterior por meio dos brinquedos. Assim, a criança expressa suas fantasias, seus desejos, e suas experiências reais de um modo simbólico, através de brincadeiras e jogos, e na medida em que as figuras aparecem no jogo da criança através do mecanismo de simbolização e personificação, podemos compreender a formação de seu superego e amortecer sua severidade. (PAULA, MARASCA E SHMIDT., 2017). Já para Hug-Hellmuth, sua principal contribuição se tratava da técnica de análise de crianças, apresentando meios para adquirir a confiança das crianças e a importância de evitar sugestões nos atendimentos. Utilizava o brincar como instrumento clínico, contribuindo para a remoção de sintomas. Sua maior preocupação nos atendimentos era que não houvesse ações invasivas do terapeuta durante as interpretações feitas. (SEI; CINTRA, 2013) Para Affonso (2012), brincar é coisa séria, conforme a frase da psicopedagoga Dra. Sandra Kraft do Nascimento da Associação Brasileira de Brinquedotecas: "O brincar é tão importante para a criança como trabalhar é para o adulto." O autor afirma que pelo brincar, a criança pode ser tornar ativa, criativa e tem a oportunidade de se relacionar com os outros, também a faz feliz e, por isso, mais propensa a ser bondosa, a amar o próximo, a ser solidária, é um facilitador do processo de socialização, comunicação e expressão, e a principal forma com que a criança exercita sua criatividade e fantasia.

Considerações finais: O brincar é uma atividade natural da criança, com diversas funções que vão sendo reveladas ao longo do seu desenvolvimento. Por exemplo, auxilia no desenvolvimento motor e é capaz de expressar os sentimentos interiorizados que são enfrentados ao longo do seu processo de independência, além

de outras situações que possam estar ocorrendo com a mesma, possibilitar a expressão por meio das representações lúdicas. Além disso, torna possível a integração da criança dentro de ambientes sociais com interação em grupo com outras crianças. (Assis, DS; Santos, MMVF, 2019). Em suma, o brincar é considerado um método importante na psicoterapia com crianças, permitindo a expressão de fantasias, desejos e experiências reais, além de promover a socialização, comunicação e criatividade. Os diferentes teóricos e pesquisadores apresentam abordagens distintas em relação ao uso do brinquedo e do jogo na psicanálise, mas todos reconhecem sua relevância para o desenvolvimento infantil e para a compreensão dos processos internos da criança.

**Referências:**

FELICE, E. M. DE. O Lugar do Brincar na Psicanálise de Crianças. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, v. 5, n. 1, p. 71–79, 1 jan. 2003.

WINNICOTT, Donald Woods. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 243 p. (Coleção Psicologia Psicanalítica). Tradução da primeira edição inglesa publicada em 1971

FULGENCIO, L. O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 42, n. 1, p. 124–136, 2008.

FRANCO, S. DE G. O brincar e a experiência analítica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 6, p. 45–59, 1 jun. 2003.

SCHMIDT, M. B.; NUNES, M. L. T. O Brincar como Método Terapêutico na Prática Psicanalítica: Uma Revisão Teórica. *Revista de Psicologia da IMED*, v. 6, n. 1, p. 18–24, 30 jun. 2014.

ASSIS, D. DA S.; VIEIRA FERREIRA SANTOS, M. M. Importância do Ludodiagnóstico e do brincar na Psicanálise Infantil. *Revista Mosaico*, v. 10, n. 2Sup, p. 16–25, 11 mar. 2020.

djeniferwelter@hotmail.com

matias.trevisol@unoesc.edu.br